

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
I SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**ALÉM DE PRETO, VIADO – RACISMO E HOMOFOBIA: DUAS FACES DE UMA
MESMA MOEDA?**

ALUNO: REINALDO PEREIRA DAMIÃO

E-MAIL: reidamiao@hotmail.com

**SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2009**

ALÉM DE PRETO, VIADO – RACISMO E HOMOFOBIA: DUAS FACES DE UMA MESMA MOEDA?

ALUNO: REINALDO PEREIRA DAMIÃO

E-MAIL: reidamiao@hotmail.com

RESUMO:

Este estudo pretende articular a questão racial e sexual a partir daquilo que Michel Foucault em *A ordem do discurso* (Foucault, 2008), considera como produção discursiva, observando as maneiras com que diferentes conhecimentos produzem classificações e tipologias relacionadas a *raça* e às *escolhas sexuais*. Busca analisar as motivações que levam as pessoas a dividir e a classificar coletividades e indivíduos a partir de características como a cor da pele ou as preferências e práticas sexuais; como os discursos autorizados do conhecimento atingem e repercutem no meio social; e por que a separação das pessoas em grupos de *brancos*, *pardos*, *pretos* e *amarelos* é uma divisão aceita como verdade. A pesquisa buscará responder essas questões e pretende articular a discussão acerca do racismo e da homofobia levando em consideração que esses fenômenos são práticas surgidas a partir do século XVIII, naquilo que Michel Foucault define como sendo “dispositivos”¹. Adoto na pesquisa dois dispositivos, para efeito de análise, sendo o primeiro o dispositivo racial e o segundo o dispositivo da sexualidade. Tanto um dispositivo quanto o outro serão compostos por aquele *conjunto heterogêneo* e englobante de discursos, decisões e escolhas feitas no sentido de organizar a disposição da sociedade e de conformar as falas. Para alcançar os objetivos propostos o estudo pretende recorrer à análise bibliográfica de autores voltados para o debate acerca das questões de *raça* e *sexualidade*. A coleta de dados empíricos será feita a partir de entrevistas qualitativas semiestruturadas e conversas informais, onde se buscará obter informações que levem a entender como as pessoas pensam, vivem e suportam um mundo dividido entre *pretos*, *brancos*, *pardos*, *homossexuais*, *heterossexuais*, *gays*, *bichas*, *viados* e tantas outras vozes discursivas.

Palavras-chave: racismo, homofobia, preconceito e relações raciais.

¹ “Através deste termo (dispositivo) tento demarcar (...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre termos”. (Foucault, 1986. p.244)

Introdução

A pesquisa *Além de preto viado – racismo e homofobia: duas faces da mesma moeda?*, buscará articular a questão racial e sexual a partir daquilo que Michel Foucault em seu livro *A ordem do discurso* (Foucault, 2008), tem como sendo uma produção discursiva acerca de determinados fenômenos sociais, olhando para as maneiras com que diferentes conhecimentos produzem classificações e tipologias relacionadas a *raça* e às *escolhas sexuais*.

No âmbito dos estudos antropológicos as definições para *raça* e *sexo* possibilitaram uma série de arranjos analíticos, aproximando no passado a antropologia de um viés biologizante (Guimarães, 2004; Schwarcz, 1993). Feitos em grande parte na virada do século XIX para o século XX, esse estudos restringiam as questões raciais e sexuais de forma a identificar um determinado grupo de pessoas a partir das características fenóticas ou das suas escolhas eróticas. Neste sentido, o *negro* e o *viado* a que o título deste trabalho faz referência, apresentariam uma série de características que os tornariam diferentes dos iguais². A partir da Segunda Guerra Mundial, os critérios culturais passam a ser mais relevantes nos estudos antropológicos, tornando a questão racial e sexual uma expressão da cultura.

No entanto, Manuela Carneiro da Cunha (Cunha, 1986) faz ressalvas ao tomar-se a cultura como princípio, pois

“Embora seja relativamente satisfatório o critério cultural, na medida em que corresponde a muitas das situações empíricas encontradas, ele deve ser usado de modo adequado. Isso significa que devem dele ser erradicados dois pressupostos implícitos: a) o de tomar a existência dessa cultura como característica primária, quando se trata, pelo contrário, de conseqüências de organização de um grupo étnico; e b) o de supor em particular que essa cultura partilhada deva ser obrigatoriamente a cultura ancestral.” [grifos meus] (Cunha, 1986, p. 115)

Em última análise Cunha aponta para o fato de que os dados culturais não podem ser tomados como pontos naturalizantes nas análises culturais.

Pretendo demonstrar que as representações sobre *raça* e *sexo* empiricamente constatados e estudados nas ciências sociais, são construídas socialmente a partir de um aparato

² Faço aqui uma referência a Pierucci (1999) e aos seus estudos sobre a produção das diferenças e igualdades coletivas.

lingüístico/simbólico de maneira a arranjar a sociedade em grupos distintos. Essa distinção mobiliza a cor da pele e as escolhas sexuais³ e faz surgir o fenômeno do preconceito e da discriminação.

Entendo que o conhecimento seja ele de senso comum ou o científico, sobre raça e sexo, não são inocentes e muito menos isentos nos sentidos e efeitos morais que produzem, seja na sociedade ou nos indivíduos, pois todo conhecimento carrega consigo uma intencionalidade.

A problemática

A discussão que se observa com relação às *cotas raciais*, *consciência negra*, *orgulho gay* e *união entre pessoas do mesmo sexo*⁴, suscitam uma pesquisa acerca da capilaridade desta discussão para os sujeitos envolvidos, que do ponto de vista desta análise é naturalizante, no sentido de trazer para a discussão um olhar que congela os sujeitos envolvidos em categorias estanques.

Quais são as motivações que levam a dividir e classificar as pessoas a partir de características como a cor da pele ou preferências e práticas sexuais? Como os discursos autorizados do conhecimento atingem e repercutem no meio social? Por que a separação das pessoas em grupos de *brancos*, *pardos*, *pretos* e *amarelos* é uma divisão aceita como verdade? No futuro, o IBGE incluirá que tipo de classificação para tratar dos *LGBTs* em suas pesquisas censitárias? Onde cada um de nós se encaixa? O que dizer a respeito da catalogação de indivíduos em segmentos como *heterossexual*, *gay*, *simpatizante*, *lésbica* ou *bissexual*? Essa taxonomia terá fim um dia, ou será ela um esquema que se alimenta da profusão de nomes e categorias, reificante e ao mesmo tempo autofágico?

Jurandir Freire Costa (Costa, 1995, p.43) afirma que, “heterossexuais, homossexuais, bissexuais, perversos, anormais, doentes, sadios ou desviantes sexuais não existem ‘na natureza’, nem dependem exclusivamente de pretensos fatores biológicos para serem reconhecidos como realidades subjetivas particulares”. Essa observação feita por Jurandir

³ A *negro*, resultado do conhecimento e das práticas sociais, aparece com os processos e transformações econômicas e sociais ocorridas no século XIX, em particular a escravidão, assim como o *homossexual* e *heterossexual* traduzem os arranjos histórico-sociais feitos pelo saber científico neste mesmo período para atender, segundo M. Foucault (2005), demandas de um mundo em transição para a modernidade.

⁴ Ver Laquer, capítulo V (2001) acerca do que vem a ser “o mesmo sexo”.

conduzirá a análise deste estudo, e aproximará o racismo e a homofobia enquanto manifestações sociais, de tal forma a mostrar que aquilo que o discurso científico traduz como conceitos, produz, outrossim, efeitos de afastamento social da mesma forma como faz o senso comum ao tratar sujeitos como *moreninho*, *escurinho*, *encardido*, *baitola*, *bicha*, *sapatão* ou *viado*.

Objetivos

A pesquisa pretende articular a discussão acerca do racismo e da homofobia como práticas surgidas a partir do século XVIII, naquilo que Michel Foucault define como *dispositivos*. Adoto na pesquisa dois dispositivos, para efeito de análise sendo o primeiro o dispositivo racial e o segundo o dispositivo da sexualidade. Tanto um quanto o outro será composto por aquele *conjunto heterogêneo* e englobante de discursos, decisões e escolhas feitas no sentido de organizar a disposição da sociedade.

Gatilhos de um mesmo processo (racismo e homofobia), busco em minha análise apontar que ambos apresentam a mesma base histórica e cultural no que tange à criação de práticas discursivas. Considero o discurso como “a língua posta em funcionamento por sujeitos que produzem sentidos numa dada sociedade” (Carneiro, 2007) e buscarei demonstrar que *negro* e *homossexual* são dispositivos articulados por outros sujeitos que não eles próprios, e que embora eles, *os negros* ou *os homossexuais*, sejam cúmplices na aplicação dos sentidos, há uma exterioridade na produção das falas que faz com que tanto um quanto outro sejam sujeitos sem autonomia discursiva e *não autores* das representações que recebem.

Estudos sobre questões raciais e sexualidades cristalizaram a figura do *negro*, do *branco*, do *homossexual*, e do *heterossexual*, naturalizando esses sujeitos em categorias, como se as mesmas fossem universais. Encontramos no senso comum essa mesma universalização, que classifica e divide os indivíduos a partir de categorias menos sofisticadas, em vista do discurso das ciências, mas igualmente eficiente na produção de preconceitos raciais e homofóbicos.

Menos do que fazer um estudo comparado das diferenças entre o discurso científico e o senso comum, pretendo discutir a similaridade entre ambos levando em consideração a origem e os efeitos de exclusão social que produzem ao classificar as pessoas. Tentarei

demonstrar que classificar alguém de *homossexual*, como faz o discurso científico, tem o mesmo efeito que chamar alguém de viado, do ponto de vista discursivo e que identificar alguém como *negro* ou *afro-descendente* tem o mesmo sentido que usar um termo racista.

Meu interesse é, em concordância com Jurandir Costa Freire (Costa, 1994, p. 113), buscar entender “que direito temos nós, sociedade, grupos ou indivíduos, de obrigar quem quer que seja a ser sociomoralmente identificado em sua aparência pública por suas preferências eróticas” ou tonalidade da pele?

Justificativa

Uma preocupação que tangencia o estudo é a de que, como toda escolha, a aproximação destes temas, racismo e homofobia, é uma escolha arbitrária. Discutir racismo ou homofobia associado a um outro problema (religião, trabalho, violência ou educação) é uma via possível para se entender o problema aqui colocado, só que em outros níveis. Observo que *racismo* e *homofobia* quando são articulados em estudos e análise, seja em textos científicos ou no senso comum, são sempre conjugados à luz de um personagem: os (as) *negros (as) homossexuais*. Nesses casos, toma-se um tema, *raça* ou *sexualidade*, e as vicissitudes sociais do duplo preconceito de se ser *negro* e *homossexual* são debatidas à exaustão. Vejo isso como uma armadilha que simplifica a discussão na figura de um personagem, de um sujeito: *o preto viado!* A tentativa proposta nessa pesquisa é a de evitar uma discussão que naturaliza a questão, buscando entender o problema de maneira a não cair numa personificação. Provavelmente uma análise da vida da figura do “Madame Satã”⁵ se prestasse a esse tipo de análise, pois ele encerra num mesmo sujeito as duas questões que trato nesse trabalho. Mas é justamente desse jogo que a pesquisa pretende se afastar.

Creio que uma saída possível seria uma aproximação dos dois temas, que não coloca o sujeito como um problema (*negro homossexual*) a ser isolado e estudado, mas sim, que busca entender como que essas questões produzem e reproduzem os caminhos de um labirinto poucas vezes trilhado nas análises sobre a questão *racial e sexual*: o caminho da produção dos discursos.

Não pretendo, assim, discutir a figura do *preto-viado*, e sim, resgatar, como que do ponto de vista histórico e cultural se dá a cristalização do *preto*, como classificação oficial na miríade

⁵ João Francisco dos Santos, mais conhecido como Madame Satã, negro e homossexual, foi uma figura lendária e emblemática da vida noturna, boemia e da marginalidade carioca na primeira metade do século XX e falecido abril de 1976.

de cores (*pardo, branco, amarelo*) e do *viado* como um *arco-íris* multicolorido de nomes e siglas (*LGBT, GLS, Simpatizantes*) como representação do senso comum e como essas classificações atingem os indivíduos. O caminho proposto, então, é o inverso. Não partir do sujeito socialmente constituído e construído, mas chegar nele de outra forma, através de outro olhar, ou seja, a partir das classificações e dos discursos feitos a respeito dele.

Aquilo que Foucault chamou de *incitação aos discursos* (Foucault, 2005) criou uma multiplicação de falas a respeito do *sexo* (a diversidade sexual) na mesma medida em que propiciou uma multiplicação de falas a respeito das *raças* (a mestiçagem). Libertar o sujeito das práticas discursivas que criam a *diversidade* e a *mestiçagem* seria uma possibilidade de enxergar as pessoas além desses marcadores sociais, segundo Foucault (Foucault, 1982).

Não existe, no entanto, nenhuma intenção em levar esse estudo ao limite e desconsiderar e menosprezar o aspecto político das identidades e das ações afirmativas defendidas por grupos e movimentos sociais. As ações afirmativas são *as moedas de troca*, numa relação empiricamente desfavorável, defendida por grupos e pessoas que combatem o racismo e a homofobia. Acredito que as diferenças não são ilusórias. Tão poucos o são as violências e as discriminações que os indivíduos sofrem. As políticas públicas que tratam das questões de *raça e sexualidade* são, nesse sentido, um avanço, pois tentam minimizar os danos sociais que o preconceito e a discriminação causam. No entanto, entendo que os danos sociais infringidos a determinados grupos são alimentados por aquilo que Flávio Pierucci (Pierucci, 1999) chama de “ciladas da diferença”. Insistir nas diferenças seria a solução possível para a questão do racismo e da homofobia?

Reconheço como um dado político a reivindicação que grupos e pessoas fazem ao buscar nesses discursos naturalizantes e identitários o direito à existência, mas não é do direito à *defesa das identidades coletivas e individuais* a problemática do estudo. A discussão proposta é entender as bases da produção discursiva do conhecimento, tanto científica quanto do senso comum, que propiciam a existência daquilo que chamo de *funções positivas*, normatizadas pela ciência e *funções negativas* popularizadas pelo senso comum. E aqui, *positivo* ou *negativo* estão para aquilo que Foucault (Foucault, 2008, p.31) considera como tendo uma eficácia histórica.

Metodologia

O estudo pretende compreender o fenômeno do racismo e da homofobia valendo-se de análise bibliográfica de autores voltados para o debate acerca das questões de *raça* e *sexualidade*. Em particular adotarei os trabalhos dos autores Michel Foucault e suas considerações sobre as produções discursivas, buscando entender como se dá a produção e a propagação dos discursos sobre *raça* e *sexo*. Tomarei da Psicanálise, nos estudos realizados por Jurandir Costa Freire, uma compreensão das questões subjetivas que envolvem, no coletivo e no indivíduo, os sentidos do homoerotismo e da (des) construção dos discursos sobre sexualidade. Na obra de Oracy Nogueira buscarei a sua interpretação a respeito das relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos e como é possível compreender as diferentes falas sobre a questão racial, tomando espaços e tempos diferentes. Thales de Azevedo e Lilia Schwarcz aproximarão minhas análises dos estudos políticos do racismo brasileiro e, somado a esses autores, buscarei olhares recentes que cruzam as relações raciais, de gênero e sexualidade.

Por outro lado, um aspecto importante em pesquisas que envolvem questões *raciais* e as *preferências sexuais* dos indivíduos é a pesquisa de campo, que será parte essencial deste projeto. Com ela pretendo captar os olhares a respeito do racismo e da homofobia, observando como esses temas se articulam no cotidiano e nas falas das pessoas além de buscar entender as idiosincrasias presentes em cada um desses fenômenos.

A coleta de dados será feita a partir de entrevistas qualitativas semiestruturadas e conversas informais, onde buscarei obter informações que me levem a entender como as pessoas pensam, vivem e suportam um mundo dividido entre *pretos*, *brancos*, *pardos*, *homossexuais*, *heterossexuais*, *gays*, *bichas*, *viados* e tantas outras vozes que aparecerem.

Para as entrevistas selecionarei uma amostra inicial de 20 pessoas, homens e mulheres, moradores da Capital de São Paulo e da Grande São Paulo, acima de 16 anos de idade, de diferentes camadas sociais e escolaridades. Buscarei observar a dinâmica de diferentes grupos (religiosos, políticos, associações esportivas, grupos escolares) diante das questões pertinentes a este estudo e conceder ao trabalho de campo uma equidade quanto às questões *raciais* e *sexuais*.

As informações obtidas nas entrevistas e conversas informais, somada às análises históricas e antropológicas encontradas na bibliografia, mais as narrativas colhidas ao longo do estudo, propiciarão um entendimento daquilo que pretendo buscar, ou seja, a articulação entre racismo e homofobia.

Bibliografia

AZEVEDO, Thales de. Democracia Racial: ideologia e realidade. Petrópolis. Editora Vozes, 1975.

BARBOSA, Irene M. Ferreira. Socialização e relações raciais: um estudo da família negra em Campinas. São Paulo, FFLCH/USP. 1983.

BRANDÃO, André Augusto. Antropologia como gênero: uma discussão introdutória em três autores. Disponível em <http://gabi.ufsj.edu.br/Pagina/temposgerais/n4/artigos/antropologia.pdf> último acesso Agosto/2009.

COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. Relume-Dumará. Rio de Janeiro, 1992.

_____. A ética e o espelho da cultura. Rocco. Rio de Janeiro. 1994.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru, SP. 2ª edição. 2002.

CUNHA, Manuela C. Da. Antropologia do Brasil. Mito, história, etnicidade. São Paulo. Brasiliense/Edusp, 1986.

DEGLER, Carl N. Nem preto nem branco. Escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro. Editorial Labor do Brasil. 1976.

CARNEIRO, Eduardo de A. Notas introdutórias sobre a análise do discurso. Disponível em <http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introductorias-analise-do-discurso-fundacao.html> último acesso Setembro/2009.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I – a vontade de saber. Rio de Janeiro. 16ª edição. 2005. Edições Graal.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro. 6ª edição. Edições Graal. 1986.

_____. A ordem do discurso. São Paulo. Edições Loyola. 16ª edição. 2008.

_____ (1982), uma entrevista: Sexo, poder e a política da identidade. Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html> último acesso outubro/2008.

GUIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo. Edusp, 1993.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. Rev. Antropol., São Paulo, v. 47, n. 1, 2004 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jul. 2009. doi: 10.1590/S0034-77012004000100001.

_____ Como trabalhar com "raça" em sociologia. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 29, n. 1, jun. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jul. 2009. doi: 10.1590/S1517-97022003000100008

_____ O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação. Estud. afro-asiát., Rio de Janeiro, n. 38, dez. 2000 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2000000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jul. 2009. doi: 10.1590/S0101-546X2000000200002

LAQUEUR, Thomas Walter. Inventando o sexo: o corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2001.

NOGUEIRA, Oracy. Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais. São Paulo. T.A. Queiroz Editor. 1985.

_____. Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga. Edusp. 1998.

PIERUCCI, A. Flávio. Ciladas da diferença. Editora 34.1999.

SALES JR., Ronaldo. Democracia racial: o não-dito racista. Tempo soc., São Paulo, v. 18, n. 2, nov. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 jul. 2009. doi: 10.1590/S0103-20702006000200012.

SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo das raças. Companhia das Letras. São Paulo.1993.

_____ Nossas raízes profundas. Disponível em
<http://www.estado.com.br/editorias/2006/10/22/cad-1.93.2.20061022.4.1.xml>

TRONCA, Ítalo A.(org.) Foucault vivo. Campinas, Sao Paulo. 1987.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, ano 9, 2001.

_____ Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In Masculinidades. SCHPUN, Mônica R. (org.) S. Paulo. Boitempo editorial. 2004.